

Por que a ciência econômica precisa do feminismo

Para a francesa H el ene P erivier, não se trata de reivindicação específica, mas dimensão incontornável do igualitarismo, "aquilo que vai nos ajudar a diferenciar uma sociedade boa de uma sociedade justa"

Por Laura Greenhalgh — Para o Valor, de São Paulo

26/03/2023 08h00 · Atualizado há um dia



Hélène Périvier: feminismo é “aquilo que vai nos ajudar a diferenciar uma sociedade boa de uma sociedade justa” —
Foto: Divulgação

“A ciência econômica foi criada por homens, para servir a uma sociedade dirigida por homens, sendo ainda hoje um dos campos com a menor presença feminina.” Inútil contestar a afirmação da economista francesa Hélène Périvier, professora e pesquisadora da renomada Sciences Po, instituição de ensino com sede em Paris, por onde passa a elite intelectual desde os tempos de Napoleão. Trata-se de uma constatação de partida em seu livro “A economia feminista” (trad. Maria Alice Dória e Milena P. Duchiate, Bazar do Tempo, 184 págs., R\$ 68). Apenas um início de conversa.

Com título preciso e determinado, o livro se desdobra em uma teia de análises, por entre as quais a autora explora uma aparente contradição: é justamente a economia, uma ciência construída por homens, a que mais se abriu a uma ideologia encampada por mulheres, o feminismo, no correr do último século. Em entrevista ao **Valor**, Périvier explica por que a vertente feminista é hoje um braço da ciência econômica reconhecida na comunidade de estudiosos e pesquisadores, já com uma entidade internacional e publicações de prestígio.

O que justificaria esse reconhecimento? A resposta se constrói ao longo da conversa com a autora, para quem o feminismo não é uma reivindicação específica de uma categoria, mas dimensão incontornável do igualitarismo, “aquilo que vai nos ajudar a diferenciar uma sociedade boa de uma sociedade justa”. E assim, lembrando alguns “papas” do pensamento econômico, de Adam Smith a Amartya Sen, e contornando situações de vida que hoje afetam mulheres e homens, Périvier mostra

como a vertente feminista tem jogado luz sobre “pontos cegos” da economia, além de forçar toda uma renovação conceitual.



“Está mais do que provado que as contas nacionais não podem ignorar o trabalho doméstico na geração da riqueza de uma nação”, diz Périvier — Foto: Ortega Ulloa/Pixabay

“É inegável que essa forma de pensar as relações econômicas no mundo, mais calcada na realidade, progressivamente tem substituído valores do passado por

novos valores”, diz a autora do livro, prefaciado pelo colega e economista francês Thomas Piketty, o aclamado autor de “O capital no século XXI”.

Especialmente interessada na valorização do trabalho doméstico e na inserção das mulheres no mercado profissional, Périvier traz também ao debate o conceito de gênero refletindo sobre as opções identitárias dos seres humanos na construção social do sexo. E reitera: “Somos livres para fazer nossas escolhas, mas não podemos negar a existência das relações de poder e dominação, nem descartar o papel das normas sociais nas decisões individuais”. Diante de uma contemporaneidade cada vez mais complexa e diversa, sempre é tempo do “homo economicus” se reinventar.



Mulheres em Riad, na Arábia Saudita: direito a voto feminino só foi conquistado em 2015 — Foto: Hanan Ammar/AP

Valor: *Seu livro reúne muitos dados sobre a importância da economia feminista em termos históricos e para as sociedades contemporâneas. Por que decidiu estudar este tema?*

Périvier: Eu andava me perguntando por que a economia, justamente ela, conseguiu abrir uma vertente feminista, ao contrário das outras ciências sociais. Não se tem uma história feminista, nem uma sociologia feminista, mas se tem uma economia feminista como campo de estudo. A primeira constatação é que, a partir de determinado momento, economistas sentiram necessidade de incorporar a perspectiva feminista pela simples vontade de fazer uma ciência positiva, e não estritamente normativa. Uma ciência que se pergunte por que as coisas funcionam assim e não estabeleça como devem funcionar. Que faça a distinção entre uma sociedade boa e uma sociedade justa. O fato é que hoje temos um campo constituído e aceito, onde se destacam a Associação Internacional de Economia Feminista [International Association for Feminist Economics - Iafe], uma revista reconhecida no meio, a "Feminist Economics", além de uma seção fixa no prestigiado "Journal of Economic Literature". O objeto primeiro da economia é a sociedade humana, portanto ela pode emprestar a sua racionalidade para estudar comportamentos.

Valor: *Hoje a senhora se define como uma economista feminista. Como foi a conversão?*

Périvier: Isso traz uma questão fundamental para pesquisadores: de que perspectiva eu falo? Eu me defino como uma pesquisadora feminista porque, diante de certos temas, não posso ter uma posição neutra. Não significa que deixe de ser uma cientista. Ser cientista é não prejudicar o resultado. Eu me ponho uma questão, aplico um método de análise, levanto dados e os interpreto, para depois emitir um julgamento. Só que a dimensão feminista me permite fazer perguntas que outros colegas não fizeram, nesse jogo de tensões entre gênero e poder. Há economistas que apenas se perguntam onde estão as mulheres e onde estão os homens em seus estudos, num interesse classificativo, que é importante, embora limitado. Seja como for, são raríssimos os economistas que hoje não se interessam pela vertente feminista.

Valor: *No prefácio do seu livro, Thomas Piketty fala em uma “economia política feminista”. Por que ele agrega a dimensão política?*

Périvier: Não trabalho com o conceito de Piketty, mas posso explicá-lo. O que significa uma economia política? Do ponto de vista histórico, era o que faziam os economistas até os primórdios do século XIX. Hoje existem pelo menos duas dimensões a considerar: a economia que lida com o mundo político, por exemplo, no plano das estratégias ou dos programas eleitorais, e a economia que lida com a política no campo maior do interesse público, com uma visão mais normativa. Eu me interesso por uma economia política aplicada, ou seja, como meio de gerar igualdade. Esse é o meu ponto.

Valor: *É sabido que a economia se tornou mais científica a partir do século XIX, focalizando a produtividade e o mercado, contudo sem solucionar os desafios da desigualdade. Vem daí o atraso do pensamento econômico em perceber que não poderia negligenciar uma substantiva parte da humanidade, as mulheres?*

Périvier: O atraso não é específico da economia. A história das mulheres escrita por historiadoras é algo muito recente. O mesmo se passa na sociologia. Eu diria que os economistas sempre falaram das mulheres, porém de qual ângulo? Partindo de um pressuposto essencialista, segundo o qual as mulheres têm um lugar natural no mundo, assim como os homens, colegas meus do passado preferiram tratar o tema do ponto de vista demográfico. Era algo que os preocupava, de fato, mas ajudou a construir o modelo feminino do trabalho doméstico, antecipando o dilema produção versus reprodução. Eles sabiam que algo importante se passava na esfera familiar, onde mulheres educavam crianças, futuros trabalhadores que iriam nutrir o capitalismo. Achavam que elas eram seres altruístas, pois aceitavam dar duro sem nada receber. E assumiram como postulado que mundo bom é aquele em que os homens saem para trabalhar e as mulheres ficam em casa. A primeira discussão para valer sobre trabalho doméstico é de 1930, feita pela economista canadense Margaret Reid. De lá para cá, no intervalo de um século, assistimos ao longo

predomínio dos homens na economia, o que ajuda a aprofundar o viés, afinal, a experiência social das mulheres jamais será a experiência social dos homens.

Valor: *Concorda que, sob a promessa de construir um mundo igualitário, o socialismo também não fez a leitura completa do trabalho doméstico?*

Périvier: Isso foi demonstrado pelas feministas materialistas. No pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels, a ideia da opressão sobre as mulheres aparecia de forma nítida. E opressão dupla, do patriarcado e do capitalismo. O problema é que aquilo que se passava dentro do lar parecia não ter interesse para eles. Antes de Marx, Adam Smith estabeleceu que produtivo é quem produz coisas. Quem faz serviços não é produtivo. Juízes não eram produtivos, assim como os reis e as mulheres. Marx, que foi influenciado por Smith, pensava mais ou menos a mesma coisa, apostando que a luta de classes daria conta de promover a igualdade em todas as dimensões, inclusive entre mulheres e homens.

Valor: *Hoje como valorizar e contabilizar essa economia que vem do trabalho reprodutivo ou doméstico? Ainda é um tremendo desafio para as sociedades modernas.*

Périvier: No plano da valorização, o problema central é que esse trabalho não é compartilhado com equilíbrio. Já é reconhecido e até socializado em países europeus; basta ver as leis que regulam a licença parental. Há dispositivos no âmbito da União Europeia propondo a redução de impostos como forma de a sociedade retribuir o trabalho reprodutivo. Restam debates sobre se a integralidade desse trabalho deve ser remunerada ou uma parte dele. De toda forma, a situação permanece desigual: na França estamos atrasados em relação a países nórdicos, ao passo que nos Estados Unidos não há licença parental remunerada e, em determinados casos, nem mesmo a licença-maternidade é observada, obrigando a mulher a se apresentar ao trabalho após dar à luz. No plano da contabilização, em certos países um valor vem sendo atribuído ao trabalho doméstico como parcela correspondente do PIB. Há um estudo de 1981 de duas economistas do Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos (Insee), Ann Chadeau e Annie Fouquet, propondo um modelo de cálculo. O relatório da Comissão Sobre Desempenho Econômico e Progresso Social, dos professores e Prêmios Nobel de Economia Joseph Stiglitz e Amartya Sen, com o economista e sociólogo francês Jean-Paul Fitoussi [falecido no ano passado], também abordam o tema. Enfim, está mais do que

provado que as contas nacionais não podem ignorar o trabalho doméstico na geração da riqueza de uma nação.

Valor: *A conquista formal da igualdade de direitos também é um processo lento e desigual. O direito ao voto feminino no Brasil é de 1932, na França é de 1944, na Suíça, de 1971, e na Arábia Saudita, de 2015. Como isso impacta as mulheres do ponto de vista econômico?*

Périvier: John Stuart Mill, filósofo e economista do século XIX, dizia que a liberdade para a mulher estudar, trabalhar, votar e optar por não se casar seria o pilar da igualdade. E ele rebateu a ideia corrente de que elas são menos capazes. Era comum no seu tempo dizer que as mulheres que mantinham atividades fora de casa tornavam-se inférteis. Mill então provocava: se são tão incapazes, por que as impedir? Incrível pensar que a Inglaterra, o país mais rico do mundo na época, guardava tanto preconceito, o que ficou ainda mais evidente quando se cruzavam as categorias “sexo” e “classe social”. Pois esse cruzamento continua a revelar barreiras nos dias de hoje.

Valor: *Por exemplo?*

Périvier: Por que as jovens são minorias nas escolas de engenharia? Porque é um ambiente onde nem sempre são bem tratadas. Recentemente fiz uma pesquisa com estudantes da Sciences Po que prestam exame para a Escola Nacional de Administração, a ENA, uma instituição de prestígio de onde saem ministros e presidentes da República. Sessenta por cento dos alunos da Sciences Po se candidatam à ENA. Destes, 40% são mulheres, mas apenas um terço delas consegue vaga. Percebi que as candidatas que vêm de um extrato social mais baixo vão ficando para trás a cada etapa da seleção. Elas se preparam, iniciam bem o processo, mas perdem fôlego num concurso majoritariamente masculino e socialmente enviesado. Já os candidatos do seu meio sabem que é uma disputa masculina acirrada, e se saem melhor. Essa pesquisa não está no livro: foi um trabalho de base estatística, trazendo à tona uma situação peculiar.

Valor: *Já passamos pela economia clássica, pelo socialismo, pelo liberalismo, faltaria olhar o efeito do neoliberalismo na vida das mulheres.*

Périvier: Refleti sobre isso, porque se fala muita coisa sem precisão. Há uma parte do feminismo para a qual neoliberalismo e capitalismo são a mesma coisa, quando são diferentes como ideologias. Para mim, o neoliberalismo se define pela maneira de hierarquizar os princípios de justiça e fazer do mercado um fim em si mesmo, o que evidentemente impacta a vida das pessoas, não só das empresas. É como pensam Milton Friedman e Gary Becker, ambos Nobel de Economia. Friedrich von Hayek, também detentor do Nobel, foi mais longe ao afirmar que a justiça não existe, que a igualdade é uma ilusão, e que só restam como opção o mercado e a concorrência para regular a sociedade. Isso é profundamente neoliberal, inclusive ao ser utilizado como um postulado de base. Becker, pouco antes de morrer, se indagou num blog dedicado a questões contemporâneas: é correto impedir pais de abortar um bebê do sexo feminino, como acontece em países asiáticos? Debatia-se o “aborto seletivo”, com base sexual. Na ocasião, Becker respondeu que não é correto, primeiro porque não haveria razão para pensar que as pessoas preferem meninos a meninas, quando existe um impressionante estudo feito nos Estados Unidos dizendo o contrário. Becker seguiu afirmando que, mesmo que se pratique o aborto seletivo, não seria grave, pois haveria menos mulheres no mercado do casamento e, em face disso, elas entrariam com maior poder de negociação, o que por fim equilibraria as coisas.

Valor: *Qual é sua maior crítica em relação a essa escola de pensamento econômico?*

Périvier: Para mim, os princípios de base de uma sociedade são a justiça e a igualdade, e o mercado deve atuar para atendê-los, não o inverso. Quando bem regulado, o mercado é um instrumento de emancipação, sim, desde que a serviço da igualdade. Hoje há um discurso para o qual é preciso ficar atento: vamos contratar mulheres porque elas fazem bem para a empresa. É uma formulação neoliberal. Para ser promotor da igualdade, o mercado precisa cobrar que as mulheres tenham oportunidades de instrução, capacitação, valorização, justiça salarial.

Valor: *Fala-se também em paridade nos níveis de representação e em meritocracia, especialmente no mundo corporativo. Esses conceitos dão conta dos desafios atuais?*

Périvier: Quando falamos em paridade pensamos numa forma de equilibrar proporcionalmente a presença de mulheres e homens em determinados espaços.

Isso é importante, pois há um problema de saída, instalado nos mecanismos de seleção. Já a meritocracia esconde relações complexas que podem favorecer a estigmatização das mulheres como menos capacitadas. Em geral, o que se vê é que muitos homens são promovidos sem terem capacidades para tanto, ao passo que as mulheres precisam provar muito mais o seu desempenho. Algo a ser corrigido. Para mim, a meritocracia é um mito em busca de uma base teórica. Ecoa aquele pensamento simplista “temos o que merecemos”, quando o jogo é muito mais complexo.

Valor: *Se ainda é difícil tratar da igualdade entre os sexos, imagino que os desafios crescem quando se fala em gênero e diversidade. Como está isso no seu campo de estudo?*

Périvier: Existem trabalhos sobre a economia LGBTQIA+. A literatura feminista nesse campo é maior, evidentemente, porque começou há mais tempo. No passado, as feministas marxistas começaram a falar de uma dualidade sexual que era, de fato, fonte de opressão. Depois os países foram introduzindo, cada um a seu modo, e o Brasil incluído, o conceito de “gender”, construído nos Estados Unidos. Gênero é um conceito social polissêmico, que aborda a articulação hierarquizada entre feminino e masculino, desdobrando-se no plano identitário. Por isso a fluidez de gênero está em completa desconexão com a visão biológica, que é dualista. Penso que todo esse campo é muito interessante, mesmo com contradições, o que não é negativo. Auxiliam indivíduos a se separar de uma estrutura que os oprime. A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) criou uma grande base de dados sobre a população LGBTQIA+, mas será necessária muita pesquisa para que a economia avance nesse domínio, ao lado de mudanças sociais, reformas legais, propostas legislativas, afinal todos devem participar.

Valor: *Em que medida a economia feminista tem melhorado as políticas públicas?*

Périvier: Para começar, a economia feminista coloca perguntas-chave, por exemplo, sobre licença parental, trabalho doméstico, equidade salarial e uma série de pontos num campo conhecido como “child penalty”, ou seja, como o mercado acaba punindo a mulher que é mãe. Ao fazer essas perguntas, ela traz para o debate o contexto étnico e racial, que conta muito. Esse questionamento, fincado em profundo senso de realidade, ajuda a criar e depois avaliar políticas públicas mais eficazes no enfrentamento das discriminações e desigualdades. O fato é que a

economia feminista vem progressivamente contribuindo para substituir valores do passado por valores contemporâneos.

Valor: *Vivemos um momento especial no Brasil, com um governo comprometido com as minorias e a criação de ministérios dedicados a elas. O que acha disso, como economista feminista?*

Périvier: A criação desses ministérios, ampliando o acesso ao poder político no Brasil, traz visibilidade a realidades cruciais vividas por essas minorias: mulheres, indígenas, negros, deficientes, LGBTQIA+. Mas será importante não cair na armadilha de que a luta contra a desigualdade é algo compartimentado, que se dá por categoria. Esse enfrentamento demanda abordagem transversal. Que a ministra das mulheres não esteja lá apenas para defender as mulheres, assim como a ministra dos indígenas em relação aos povos que representa. A equidade atravessa diferentes campos. Sua busca precisa ser específica e geral ao mesmo tempo, o que parece uma contradição, mas não é.

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

Envie de rencontrer des femmes de plus de 50 ans près de Paris ?

DISONSDEMAIN

S'inscrire

LINK PATROCINADO

L'endroit où Mireille Mathieu vit aujourd'hui à 76 ans est triste à voir

RETHINK STYLE

Lire la suite

LINK PATROCINADO

Nutritionniste : Vous avez trop de graisse abdominale ? (Mangez ceci avant le petit-déjeuner)

NUTRIVIA

LINK PATROCINADO

Genoux rouillés à 60 ans : le geste n°1 à ne pas faire

DÉCOUVERTES SANTÉ

Voir les offres

LINK PATROCINADO

Voici la méthode pour obtenir des panneaux solaires sans payer d'installation